

Versão Online ISBN 978-85-8015-079-7
Cadernos PDE

VOLUME II

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE
Produções Didático-Pedagógicas

2014

FICHA PARA IDENTIFICAÇÃO
PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA
TURMA PDE - 2014

Título: Promover ações pedagógicas fomentando a institucionalização da Lei Federal 10.639/03, para que se efetivem na prática curricular as Relações Étnico Raciais na Educação, atrelando à disciplina de Biologia.

Autor	Silvia Regina Santos dos Anjos
Disciplina / Área (ingresso no PDE)	Biologia
Escola de Implementação do Projeto e sua localização	Colégio Estadual Tenente Sprenger E.F.M Rua Isaac Victor pereira nº 15.
Município da escola	Pinhais-PR
Núcleo Regional de Educação Área Metropolitana Norte	Curitiba-PR
Professor Orientador	Valéria Maria Munhoz Sperandio Roxo
Instituição de Ensino Superior	Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Relação Interdisciplinar	Biologia, História, Língua Portuguesa e Inglês.
Resumo	A presente Unidade Didática tem como finalidade propor plano de trabalho docente, para subsidiar a inserção do tema étnico-racial, atrelado ao conteúdo de Genética na disciplina de Biologia, a ser aplicado aos alunos do 3º ano do Ensino Médio.
Palavras-chave (3 a 5 palavras)	Relações Étnico-Raciais, Biologia e Genética Moderna.
Formato do Material Didático	Caderno Didático
Público Alvo	Alunos da 3ª série do Ensino Médio

Apresentação

Esse material didático intende compor mais uma etapa do Programa de Desenvolvimento Educacional PDE – 2014. A temática a ser abordada contempla a necessidade de institucionalização da Lei Federal 10.639/2003 no âmbito escolar. O caput dessa Lei altera a Lei nº 9.394/1996 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, tornando obrigatório o ensino de História da África e a inserção dos elementos das culturas africanas e afro-brasileiras como conteúdo curricular obrigatório da educação básica.

Seguem em destaque os artigos acrescentados a LDB, que tem relevância para a construção do currículo que queremos. O artigo 26 A, conforme análise citada por SEPPIR:

“... provoca bem mais do que inclusão de novos conteúdos exige que se repensem, relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas, procedimentos de ensino, condições oferecidas para a aprendizagem, objetivos tácitos e explícitos da educação oferecida pelas escolas.”(Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2004, p. 17).

Temos ainda o artigo 79 A que inclui no calendário escolar o dia 20 de novembro como o “Dia Nacional da Consciência Negra”. A escolha desta data é uma homenagem a Zumbi, líder do Quilombo Palmares, que morreu nesse dia no ano de 1695 em combate, defendendo o seu povo. Zumbi representa a bravura do povo negro e o símbolo de luta contra a escravidão no período do Brasil Colonial. Os quilombos representavam a forma de resistência ao sistema escravista, bem como uma organização coletiva e determinante da manutenção da cultura e “liberdade”.

Este momento nas escolas deve ser de reflexão sobre a trajetória dos africanos escravizados no Brasil, dando visibilidade à contribuição para a formação da nossa cultura e do país. Porém o trabalho deve ser desenvolvido durante todo o período letivo, de acordo com o planejamento do docente, culminando em mostra de trabalhos, apresentações culturais, feira do conhecimento, entre outros, na Semana da Consciência Negra.

A Produção Didático Pedagógica consiste em um Caderno Pedagógico que é composto por Unidades Didáticas. Cada Unidade Didática contempla conteúdos específicos da disciplina de Biologia, que está atrelado às questões relacionadas à Educação das Relações Étnico Raciais, com orientações didático pedagógicas e reflexivas para a construção de uma pedagogia antirracista, contendo abordagem teórica e propostas de atividades.

A proposta de trabalho deste caderno é a de sugerir atividades para subsidiarem a inserção do tema étnico-racial, a serem aplicadas aos alunos do 3º ano do ensino médio. Pretende-se estender e aprofundar o debate a toda comunidade escolar, promovendo reflexões e discussões sobre como inserir o tema étnico racial no currículo escolar, garantindo a igualdade racial. Espera-se o apoio e parceria da equipe multidisciplinar, da qual também faço parte, para fomentar o debate, formar grupos de estudos e redigir planos de ações nas disciplinas específicas, para que ocorra a implementação didático pedagógica nas demais áreas do conhecimento.

Para que o objetivo geral seja atingido e que a instituição de ensino incorpore a Lei como um instrumento de prática pedagógica, é necessário partir dos objetivos específicos, dentre eles, um dos grandes desafios é o de sensibilizar os professores sobre a importância de trabalhar a temática, construindo estratégias e instrumentos para essa ação, a fim de garantir a institucionalização da Lei.

Os materiais que compõe este caderno possibilitam, através de leituras específicas, recursos audiovisuais, conhecimentos científicos da Genética Moderna, dinâmicas, diálogos e debates, promover reflexões que venham direcionar os participantes a repensar as relações étnico raciais, sociais e pedagógicas no âmbito escolar. Para isso é preciso entender as relações de poder e como o currículo tem sido utilizado para reproduzir e valorizar apenas a cultura eurocêntrica.

A motivação da escolha do tema se deu por entender que a conquista da Lei é o resultado da mobilização e lutas de grupos que lideram os movimentos sociais, em destaque o movimento negro e a disposição naquele momento do então governo federal, Luiz Inácio Lula da Silva, de incentivar políticas públicas de promoção à igualdade racial.

A grande dificuldade é que a maioria dos docentes não consegue atrelar o tema aos conteúdos. Argumentam que não percebem o porquê de tratar estas questões, se no Brasil não existe racismo, reafirmando o “Mito da Democracia Racial”. O racismo é negado no discurso do educador brasileiro, mas se mantém presente nos sistemas de valores que regem o comportamento da nossa sociedade, expressando-se através das mais diversas práticas sociais. Como ressalta Pereira (1996), “ignorar essa ambiguidade não nos levará a lugar algum. É preciso combatê-la”.

Relatam ainda que os conteúdos que realmente consideram importantes não serão contemplados caso tenham que abordar a temática em questão. Acabam por limitar a função da escola a apenas transmitir os conteúdos historicamente acumulados. Como é possível se trabalhar desvinculando-se da realidade social brasileira?

Como atrelar o tema aos conteúdos curriculares? Como fazer a mudança curricular necessária para que se cumpra o que estabelece a Lei?

Outro ponto importante é a identificação de situações de discriminação racial na ambiente escolar, que gera a exclusão seguida da evasão escolar, daquele que se sente discriminado. Como interagir e promover reflexões acerca destas questões, a fim de minimizar e reverter situações como estas? Conforme registro da Secretaria de Políticas Públicas em Igualdade Racial: “a presença do racismo e do preconceito em sala de aula e no ambiente escolar reduz o estímulo do estudo”. (SEPPPIR, 2005, p. 16).

Conforme nos aponta Nilma Lino Gomes ao citar Gomes na p. 14, no livro *Educação das Relações Étnico Raciais*.

“[...] nos últimos anos, alguns estudos têm demonstrado que o acesso e a permanência bem sucedida na escola variam de acordo com a raça/etnia da população. Ao analisar as trajetórias escolares dos (as) negros (as), as pesquisas revelam que estas se apresentam bem mais acidentadas do que as percorridas pelos alunos (as) brancos (as). O índice de reprovações nas instituições públicas também demonstra que há uma estreita relação entre a educação escolar e as desigualdades raciais na sociedade brasileira. Os aprofundamentos dessas questões apontam para a necessidade de repensar a estrutura, o currículo, o tempo e os espaços escolares. É preciso considerar que a escola brasileira, com sua estrutura rígida, encontra-se inadequada à população negra e pobre desse país. Nesse sentido, não há como negar o quanto o seu caráter é excludente”. (GOMES, 2001, p. 85)

Através da disciplina de Biologia e à luz da Genética moderna, pretendem-se contemplar os conteúdos, utilizando os conhecimentos científicos, para “libertar” as mentes que se encontram escravizadas, com o intuito de desmistificar teorias racistas, bem como levar a compreensão da inexistência de raças humanas.

Sérgio Pena¹ geneticista brasileiro é referência nacional por seus estudos em Genética. Baseado em seus relatos é possível afirmar que “raça” é um termo originado de uma

¹ Sergio D. J. Pena Médico da Faculdade de Medicina da UFMG, Belo horizonte M.G., Ph.D. (Genética Humana). University of Manitoba Winnipeg, Manitoba, Canadá- 1985 – presente. Professor Titular do

construção social e cultural, não tendo relação biológica, ou seja, do ponto de vista genético não existem raças humanas. O ser humano moderno distribuiu-se geograficamente e adaptou-se ao ambiente com características físicas diferenciadas, incluindo a cor da pele. Geneticamente, no entanto, não houve diversificação suficiente entre esses grupos geográficos para caracterizar raças em um sentido biológico.

Sendo assim surge um dilema, qual é o termo correto para nos referirmos a certos grupos, como os negros brasileiros?

O termo que tem sido utilizado é 'etnias'. O geneticista Sergio Pena contesta a definição de etnia do Novo Dicionário Aurélio, 1ª edição como "um grupo biológico e culturalmente homogêneo". Ele garante que na Terra não existe nenhum grupo humano biologicamente, nem culturalmente homogêneo.

Em seu artigo publicado na Revista Ciência hoje, vol. 27 nº 155, Sergio Pena descreve seus estudos para determinar a natureza triíbrida da população brasileira a partir dos ameríndios, europeus e africanos: a contribuição europeia foi basicamente através de homens, a ameríndia e africana foi principalmente através de mulheres.

Muitos autores, usando metodologia histórica, sociológica e antropológica, já analisaram a origem do povo brasileiro. Porém Sérgio Pena relata em seu artigo o uso de novas ferramentas, como a genética molecular e a genética de populações para reconstruir e compreender o processo que gerou o brasileiro atual.

Sabendo que linhagens genealógicas ameríndias, europeias e africanas contribuíram para a composição da população do Brasil, ele decidiu mapear a população branca do Brasil atual e as distribuições espaciais dessas linhagens em um contexto histórico.

departamento de Bioquímica e Imunologia Universidade Federal de Minas Gerais. Humana) University of Manitoba Winnipeg, Manitoba, Canadá- 1985 – presente. Professor Titular do departamento de Bioquímica e Imunologia Universidade Federal de Minas Gerais.

Metodologia

Pretende-se propor material didático pedagógico na disciplina de Biologia focando o conteúdo de Genética, que é aplicado a alunos do 3º ano do ensino médio. O conteúdo em questão é a Herança Quantitativa ou Poligênica, que está relacionada à transmissão genética de genes que determinam a cor da pele, cor dos olhos, altura, entre outras.

Será aplicado um questionário direcionado ao corpo docente e outro ao corpo discente, para avaliar o conhecimento prévio e o posicionamento diante destas questões, antes da aplicação do projeto de intervenção.

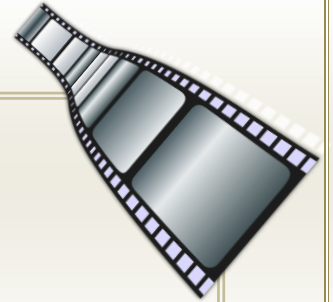
Para fomentar o debate e provocar a discussão, serão utilizados recursos audiovisuais como filmes, documentários, imagens, vídeos musicais, entre outros, a fim de realizar dinâmicas, seminários, oficinas e atividades diversas, que levem à reflexão crítica, em que os participantes possam, a partir de um novo olhar, construir o conhecimento resignificando e valorizando a cultura de matrizes africanas, que é a raiz da cultura brasileira.

O conteúdo Herança Quantitativa será introduzido de forma sistematizada, focando a herança da cor da pele e cor dos olhos, para que venham fazer a relação principalmente com os documentários apresentados, que são: Vista a Minha Pele, produção de Joel Zito Araújo e Olhos Azuis com a professora estadunidense Jane Elliott.

Através da análise de conceitos genéticos, pretende-se desconstruir conceitos preestabelecidos e formados a partir do senso comum e de uma cultura racista, em que aponta, diferencia e classifica raças entre seres humanos.

UNIDADE I

Atividade



Filmografia - Vista a Minha Pele



Professor: esse filme tem abordagem multidisciplinar e serve de material básico para discussão sobre discriminação, racismo e preconceito em sala de aula e na sociedade em geral.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LWBodKwuHCM>

Acesso em 07/07/2014

Gênero: Ficcional Educativo

Duração: 26:45

País: Brasil - lançamento: 2003

FICHA TÉCNICA

Direção: Joel Zito Araújo

Argumento: Maria Aparecida Bento

Coordenação geral: Hédio Silva Jr.

Roteiro: Joel Zito Araújo & Dandara

Patrocínio: CEERT/Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades.

ELENCO: Bruna Bonéo, Thuanny Costa, Samira Carvalho, Abayomi Oliveira, Annete Moreira, Marcio Julião, Ana Paula Mendonça, Gabriel Mota, Maria Ceixa, BuKassa Kabengele, Airton Graça.



Resenha:

Vista a Minha Pele é um curta-metragem que através da “paródia aborda questões relacionadas ao racismo e ao preconceito”. Esse filme é dirigido pelo cineasta Joel Zito Araújo e produzido por Casa de Criação/ CEERT, 2003, São Paulo.

O autor produz uma versão em que o mundo teria sido colonizado e explorado pelos negros do Continente Africano, destacando como países ricos a África do Sul e Moçambique, sendo a Europa o Continente colonizado, sendo os países pobres a Inglaterra e Alemanha.

Fazendo uma releitura da história do Brasil, esse país teria sido colonizado pelos negros, que capturavam e escravizavam os brancos da Europa. Ocorre a inversão de “papéis” em que a classe dominante é representada pelos negros e os brancos pertencem à classe “dominada”, considerada inferior, que foi escravizada e são estereotipados. Dessa forma a história é contada mostrando as injustiças sofridas pelos negros, na pele de pessoas brancas.

O enredo se dá em uma escola particular e narra uma história invertida que se passa com adolescentes na faixa etária de 12 a 16 anos. A protagonista é a estudante de pele branca Maria, uma garota pobre, que mora na favela, onde a maioria da população é branca. Filha de funcionária, que atua na função de serviços gerais, como faxineira, também branca, conseguiu inserir a filha na escola com uma bolsa de estudos. Neste contexto os trabalhos subalternos eram sempre destinados aos brancos e pobres.

Nessa escola a maioria dos (as) alunos (as) são negros (as), classe dominante no contexto. Dentro dessa realidade a mídia destaca artistas, cantores e modelos negros/negras.

Maria sofre os preconceitos da sociedade. Mesmo durante as aulas os professores, todos negros, a colocam em situações vexatórias, duvidando de sua capacidade de aprendizagem e ainda repassando o conteúdo sobre o processo de escravização dos brancos de forma estereotipada.

A tradição anual da escola é realizar o concurso para eleger a Miss Festa Junina. Maria, mesmo sendo uma das únicas brancas da escola e enfrentando tantas adversidades, tem a pretensão de concorrer. Incentivada por a sua única amiga Luana, negra, rica e filha de um diplomata que morou em países pobres, conheceu outras realidades e que reproduz outra visão de sociedade.

Ao colocar seu desejo de ser miss festa junina a sua família, ela é aconselhada pelo seu pai que deve “andar com os pés no chão”, que ser miss é coisa para menina negra. No entanto recebe o apoio de sua mãe, que a incentiva ao acreditar que ela deve lutar pela afirmação de sua “raça”.

Andando pela rua da favela e refletindo sobre as palavras de seus pais, encontra um colega também branco, ex-bolsista da escola. Ele está a caminho para a entrega de um botijão de gás que carrega em sua bicicleta. Ele relata que parou de estudar porque na escola sempre sofreu preconceitos e que precisa trabalhar para ajudar sua família, que estudar é coisa para rico e negro.

Maria decide por se candidatar, porém pela primeira vez, uma adolescente branca concorre ao título de Miss Festa Junina. Competindo com a garota negra, rica e bonita, que se elege com o título desde a pré-escola. Além de tudo Maria tem que superar o padrão de beleza negra imposto pela mídia. Com o apoio de sua amiga Luana, resolve enfrentar o preconceito e lutar pelo seu sonho, sem se importar se irá vencer ou não o concurso.

Durante todo o processo “eleitoral”, surgem situações adversas que Maria consegue superar. Ocorrem resistências e dificuldades na venda dos bilhetes, mas elas não desistem e conseguem vender todos os carnês.

Sueli é a favorita, vende com facilidade seus votos. Todos os garotos negros e ricos querem ser seu amigo ou mesmo seu namorado. Ela é perfeita, está dentro dos padrões determinados pela mídia para ser miss, dona de um bonito rosto, negra, alta, magra, simpática e admirada por todos. Maria também a admira acha bonito seu cabelo crespo e até usa tranças em seu cabelo liso e loiro.

No dia da contagem dos votos, Maria mesmo ansiosa e apreensiva em saber o resultado, compreende que mesmo que ela não ganhe o concurso, a luta já vale a pena. Ela está se sentindo forte e vitoriosa.

Vitoriosa porque ao tomar consciência de sua condição, descobre que pode lutar pelos seus objetivos e enfrentar as situações adversas. Entende que a cor de sua pele não pode ser um obstáculo para conquistar seus ideais.

O filme mostra a discriminação racial e o sofrimento de conviver diariamente com o preconceito. Uma garota branca passando por tudo que passa uma garota negra. O personagem de Maria representa outras Marias, que são garotas que tem sonhos e ideais, que estão em busca de realizar seus sonhos em meio a uma sociedade racista, preconceituosa e hipócrita, que prega uma falsa “democracia racial”, por saber que existe a discriminação e negar que seja um problema. Mesmo de forma fictícia, a população que hoje estigmatiza, também pode vir a passar por essa desigualdade. Leva a compreensão de que só travando batalhas em busca dos seus objetivos, sem medo, é possível mudar essa situação.

Problematização



- 1) De que trata o filme?
- 2) A situação vivida pela personagem tem alguma referência com a realidade?
- 4) O que é racismo?
- 5) Existe racismo no Brasil?
- 6) Você já passou por uma situação de preconceito? Conhece alguém que contou algum fato semelhante? Relate.

Objetivo Geral: Tratar as questões raciais à luz da Genética, levando à compreensão de que a cor da pele é uma característica fenotípica herdada geneticamente, que não pode ser um critério para selecionar e discriminar as pessoas.

Objetivos específicos:

- ✓ Identificar que a referência com a realidade é invertida, que no filme os “papéis” étnicos raciais estão invertidos;
- ✓ Perceber a relação entre classe social e a questão étnico racial;
- ✓ Entender que a maioria dos personagens é racista, porém identificar que há exceções.
- ✓ Perceber o sentimento de tristeza da personagem, que sofre o preconceito ao ser discriminada.
- ✓ Despertar a sensibilidade para que se coloquem no lugar do “outro”.
- ✓ Verificar que a personagem vive em um mundo “negro”, ou seja, em que a cultura predominante é a negra. É possível observar através da mídia, dos programas de TV, dos cartazes, das características fenotípicas dos artistas e dos personagens das histórias infantis e até mesmo do cabelo liso com tranças e permanente.



Momento Reflexivo

As questões raciais tratadas nos permitem pensar sobre a nossa realidade e repensar nossa forma de viver e tratar as pessoas. A personagem Maria tenta fazer parte de um grupo e ter uma vida normal. Porém ela não é aceita, por causa da cor da sua pele, de seu jeito de ser, da sua posição social, ela é hostilizada e considerada uma estrangeira.



Professor Mediador

Encaminhar a discussão com questões que venham instigar e provocar o debate, porém mediando as situações conflitantes. Após a problematização encaminhar questionamentos de forma oral no primeiro momento.

Dinâmica: Recriando Olhares

Objetivo Geral: Estudar, pesquisar e debater o tema, levando todos os participantes a refletir e se posicionar.

Objetivos específicos:

- ✓ Debater o tema e desenvolvê-lo de forma participativa.
- ✓ Exercitar a expressão e o raciocínio.
- ✓ Desenvolver o senso crítico.
- ✓ Saber expor, argumentar e ouvir.

Descrição da Dinâmica:

- Dividir a turma em quatro grupos.
- O primeiro grupo apresenta a problematização 1 argumentando e se posicionando favoráveis a loja pagar indenização para a garota negra Isabel.
- O segundo grupo, apresenta a problematização 2, reproduz o vídeo gravado pelos Legendários em: O teste de preconceito. Argumentam e se posicionam contrários à atitude do segurança da loja, e também são favoráveis ao pedido de indenização por danos morais.
- O terceiro grupo, é o grupo contrário à ação que os pais de Isabel movem contra a loja e defendem a ação dos seguranças na problematização 1 e 2, afirmando não terem percebido que houve intencionalidade de racismo na atitude de abordagem dos seguranças as pessoas negras, reafirmando o “Mito da Democracia Racial”.
- O quarto grupo coordena a prática, delimitando o tempo para cada grupo defender sua tese e atacar a tese defendida pelo grupo oponente.
- O professor é o mediador geral, que poderá interagir se faltarem argumentos ou se a situação fugir ao controle do grupo encarregado da mediação.
- Os grupos devem escolher um aluno para ser o coordenador, que tem como função, organizar a discussão e delegar funções, para que no dia da realização da dinâmica, estejam preparados para defender o tema com argumentos convincentes.

Encaminhamento metodológico:

- Organizar previamente os recursos de multimídia;
- Apresentar a problematização 1 para a turma projetando o texto em tela;
- Realizar a leitura oral da situação problema;
- Analisar com os estudantes o fato relatado e deixar a pergunta problematizadora para reflexão;
- Reproduzir o vídeo: Teste de Preconceito, gravado pelos Legendários, referente à problematização 2;
- Questionar os estudantes sobre a percepção que tiveram deste teste e pedir que reflitam;
- Propor a dinâmica Recriando Olhares, descrita acima;
- Formar os grupos de acordo com a identificação de cada estudante ao tema;
- Escolher o coordenador;
- Construir as regras do debate e a forma de condução com os estudantes;
- Agendar a data para a realização do mesmo;

- Pedir que os grupos se reúnam e dar um tempo de 20 minutos para socializar suas percepções e opiniões, nesse momento o coordenador deve delegar as funções e dividir as tarefas, pois devem se preparar previamente para defender o tema com argumentos convincentes;
- Combinar que o grupo mediador e o professor, como coordenadores da atividade, também podem lançar perguntas que motivem o debate, evitando fornecer respostas ou apoiar alguma das posições;
- Finalizar com as considerações finais de cada grupo.

Organização:

Tempo:

2 aulas de 50 minutos (1h e 40min.)

20 minutos para os grupos organizar o espaço físico, a exposição das carteiras e socializar os dados pesquisados, as questões propostas e os possíveis argumentos.

20 minutos para o grupo mediador: Relembrar as regras construídas previamente pelo grupo, explicar a forma como será conduzida a atividade, bem como o tempo que cada grupo terá para expor sua tese, para perguntar, para réplica e tréplica.

50 minutos para o debate entre os grupos.

10 minutos de intervalo para os grupos socializarem e refletirem sobre a consideração final.

20 minutos para as considerações finais (sendo 5 minutos para cada grupo)

10 minutos para a consideração final do professor.

10 minutos para reorganizar a sala ou para a colocação do júri.

Sugestão: Convidar um componente de cada segmento da comunidade escolar, para compor um júri. A função do júri é avaliar o debate entre os grupos, destacando o que foi bom, o que faltou. O júri deve apresentar um parecer detalhado pontuando os pontos positivos e negativos da dinâmica.

Avaliação:

Que proveitos tiramos da dinâmica?

O que mais nos chamou a atenção?

Como nos sentimos?

O que acrescentou na nossa vida?

O que podemos fazer para melhorar?

Houve empenho e participação de todos os integrantes do grupo?

PROBLEMATIZAÇÃO 1



A menina negra Isabel estava numa grande loja de departamentos, procurando um presente para uma amiga. Na ocasião, usava uma bolsa que tinha comprado na mesma loja havia uma semana. De repente, surge um segurança da loja que, aos gritos, a acusa de roubo na frente de outros compradores e chama a polícia. A menina é levada para o Juizado de Menores e, apesar de seus protestos, só é liberada depois que sua mãe apresenta o comprovante de compra da bolsa. Os pais de Isabel movem uma ação contra a loja por racismo. A loja deve ou não ser condenada a pagar à menina uma indenização por danos morais?

PROBLEMATIZAÇÃO 2



Reproduzir o vídeo gravado pelos Legendários: Teste de Preconceito



Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FjGJplxTKug> Acesso em 12/10/2014.

Professor Mediador



É necessário trabalhar as leis existentes sobre racismo no Brasil, para fundamentar teoricamente a dinâmica. Propor parceria com o professor de História.

Objetivo Geral: Conhecer as Leis para o exercício da cidadania.

Objetivos específicos:

- ✓ Buscar fundamentação teórica para enriquecer o debate.
- ✓ Relacionar a necessidade de criar Leis para que haja mudanças atitudinais racistas.

Encaminhar os estudantes ao laboratório de informática, onde devem acessar os endereços indicados para consultar e tomar ciência do texto das Leis. A seguir fazer uma pesquisa para coletar dados de registros de casos de ocorrências de situações de racismo e como têm sido conduzidas as punições em questão a partir da existência das Leis. A partir dos resultados obtidos, promover uma reflexão crítica e análise sobre o seguinte questionamento: O fato de se criarem leis de combate ao racismo é suficiente para que o mesmo seja erradicado?

Lei nº 1390 de 3 de julho de 1951, proposta por Afonso Arinos de Melo Franco, que proíbe a discriminação racial no país, conhecida como Lei Afonso Arinos.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L1390.htm Acesso em 20/07/14.

Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989, conhecida como Lei Caó, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor. Proposta pelo jornalista, ex-vereador e advogado Carlos Alberto Caó Oliveira dos Santos, que descreve o racismo como crime inafiançável e imprescritível, porém especifica atitudes que são consideradas como crime de racismo ou injúria racial, tendo punições e penalidades diferenciadas.

Disponível em: http://planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L7716.htm Acesso em 20/07/2014.

Após esse aprofundamento teórico, retomar as problematizações 1 e 2, realizando a dinâmica proposta. Depois dessa experiência seguir com a atividade 3.

3) Debate e relato oral sobre as problematizações 1 e 2.

- a) Você já vivenciou, presenciou ou conhece alguém que relatou ter passado por uma situação parecida? Qual foi o desfecho?
- b) Registre através de um texto como você pensava sobre esse tema antes do encaminhamento dessa aula, e a partir de agora.

Sugestão: Promover palestra temática sobre leis de combate ao racismo para a comunidade escolar, em parceria com o Ministério Público e representante de Movimentos Sociais.

Momento Reflexivo

A partir do contexto apresentado nos documentários e atividades propostas, é possível escolhermos uma categoria fenotípica do ser humano e utilizar como critério para discriminarmos um determinado grupo étnico? A cor da pele pode ser utilizada como critério para classificar pessoas como seres superiores ou inferiores? Capazes ou incapazes? Pretende-se a partir desse impasse contextualizar, inserindo o conteúdo de genética.



Herança Quantitativa

A herança quantitativa também é um caso particular de interação gênica. É um tipo de herança genética, na qual participam dois ou mais pares de genes, com segregação independente, resultando em um efeito acumulativo de vários genes envolvidos, cada um contribuindo com uma parcela para a formação da característica. Conhecida também como herança poligênica ou multifatorial. Neste caso, em que as diferenças fenotípicas de uma dada característica não mostram variações expressivas, as variações são contínuas e mudam gradativamente, genes possuem efeito aditivo e recebem o nome de poligenes. No ser humano podemos observar este tipo de herança basicamente em a cor da pele, a cor dos olhos, a estatura, ao peso, e inclusive, a inteligência. Tais caracteres, cuja variação é gradativa, são conhecidos por caracteres métricos.

Como é condicionado o fenótipo que passa por variações contínuas ou graduais?

O fenótipo é condicionado por dois ou mais pares de alelos. Cada alelo aditivo presente em um indivíduo determina o aumento da intensidade da expressão do fenótipo. Os alelos não aditivos não acrescentam nada na expressão do fenótipo. Dois ou mais pares de genes apresentam seus efeitos somados, em relação a um mesmo caráter, de maneira a ocasionar a manifestação de um fenótipo em diferentes intensidades.

Herança da cor da pele humana

Segundo Davenport (1913), a cor da pele na espécie humana é resultante da ação de dois pares de genes (AaBb), sem dominância. Dessa forma a coloração da pele humana é condicionada por dois pares de genes, A e B que determinam a produção da mesma quantidade do pigmento melanina² e possuem efeito aditivo. Logo, conclui-se que devam existir cinco tonalidades de cor na pele humana, segundo a quantidade de genes A e B.

Observe o quadro abaixo revela os possíveis genótipos/fenótipos relativos à herança quantitativa do padrão de pigmentação da pele:

GENÓTIPOS	FENÓTIPOS
AABB	NEGRO
AABb, AaBB	MULATO ESCURO
AaBb	MULATO MÉDIO
Aabb, aaBb	MULATO CLARO
Aabb	BRANCO

Os genes A e B controlam a síntese de melanina e são denominados de genes aditivos. Conclui-se que quanto maior a quantidade de genes aditivos em um indivíduo, mais variável será a coloração da pele.

Sendo assim: alelos A e B = intensificam a produção de melanina.

alelos a e b = produção mínima de melanina.

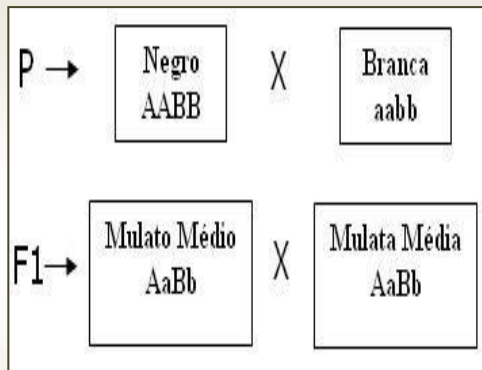
Logo, o fato que determina a expressividade do caráter é a quantidade dos genes e não a sua qualidade: a expressividade do caráter pele escura diminui à medida que diminui a quantidade dos genes aditivos. Entre os extremos (branco e negro) há diversos fenótipos intermediários (os diversos tipos de mulatos).

Exercícios: Observe que quanto maior for o número de genes aditivos, maior será a diversidade da pigmentação. E quanto maior for o número de genes não aditivos, a variabilidade da pigmentação será menor.

² Melanina: Pigmento escuro, cuja quantidade determina a cor da pele. A cor da pele se deve à quantidade de um polímero natural, denominada melanina, um pigmento biológico que é produzido na epiderme. Esse polímero é quimicamente considerado de massa e complexidades variáveis, sendo sintetizados pelos melanócitos. Os melanócitos são células situadas na camada basal da pele, entre a epiderme e a derme. A produção de melanina pelos melanócitos é feita a partir da oxidação progressiva do aminoácido tirosina.

Fenótipos	Genótipos		
Negro	AABB		
Mulato Escuro	AABb	AaBB	
Mulato Médio	AAbb	aaBB	AaBb
Mulato Claro	Aabb		aaBb
Branco	aabb		

Geração F2 - Herança Quantitativa



	AB	Ab	aB	ab
AB	Negro AABB	Mulato Escuro AABb	Mulato Escuro AaBB	Mulato Médio AaBb
Ab	Mulato Escuro AABb	Mulato Médio AAbb	Mulato Médio AaBb	Mulato Claro Aabb
aB	Mulato Escuro AaBB	Mulato Médio AaBb	Mulato Médio aaBB	Mulato Claro aaBb
ab	Mulato Médio AaBb	Mulato Claro Aabb	Mulato Claro aaBb	Branco aabb

Vejamos os resultados genotípicos e fenotípicos que seriam obtidos a partir do cruzamento de dois indivíduos mulatos médios, duplos heterozigotos.

Mulato Médio × **Mulato Médio**
AaBb × **AaBb**

Fonte: <https://www.colegioweb.com.br/trabalhos-escolares/biologia/interacao-genica-e-heranca-quantitativa/a-heranca-da-pigmentacao-da-pele-humana.html> Acesso em 08/09/14

O aspecto que diferencia este tipo de herança é a variação contínua ou gradual, o que significa que entre os extremos (negro e branco) existem diversos fenótipos intermediários.

- Dois pares de genes A e B, sendo que alelos representados por letras maiúsculas determinam a produção de grande quantidade de pigmento melanina nas células da pele, enquanto os alelos representados por letras minúsculas levam a produção de menor quantidade de pigmento.

Vale ressaltar que nesse tipo de herança não existem genes dominantes ou recessivos.

Os cientistas atribuem cinco categorias de coloração da pele humana.

- ✓ AABB: Negro
- ✓ AaBB, AABb: Mulato Escuro
- ✓ AaBb, AAbb, aaBB: Mulato Médio
- ✓ Aabb, aaBb: Mulato Claro
- ✓ aabb: Branco

	AB	Ab	aB	ab
AB	AABB Negro	AABb mulato escuro	AaBB mulato escuro	AaBb Púrpura
Ab	AABb mulato escuro	AAbb mulato médio	AaBb mulato médio	Aabb mulato claro
aB	AaBB mulato escuro	AaBb mulato médio	aaBB mulato médio	aaBb mulato claro
Ab	AaBb mulato médio	Aabb mulato claro	aaBb mulato claro	aabb Branca

Fenótipos: 1/16 (branco) : 4/16 (mulato claro) : 6/16 (mulato médio) : 4/16 (mulato escuro) : 1/16 (negro)

REFERÊNCIAS

http://pt.wikipedia.org/wiki/Heran%C3%A7a_quantitativa Acesso em 08/09/14

Revista Science, Vol.310 p.1121, 2005.

KING, Robert C. Genética, Espasa-Calpe-Madrid 1999.

Texto complementar: Preconceito, Ignorância e Raça, Dr. Drauzio Varella.

Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/drauzio/ignorancia-e-raca/> Acesso em: 08/09/14.

Sugestão de poema do autor LEITE, Correia Silas. **Vista a Minha Pele**. Disponível em: <http://poetasilas.blogspot.com/2008/10/vista-minha-pele-poema.html>

E a cor dos olhos?

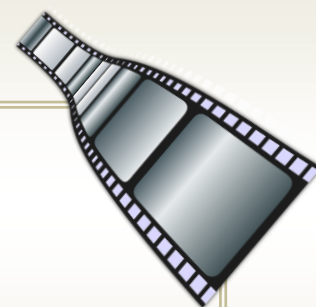
Existe grande curiosidade dos estudantes sobre como é herdada a cor dos olhos. Contudo, muitos ainda tratam de forma simplista essa característica genética, como um tipo de herança mendeliana simples, cuja ocorrência é influenciada por um único par de genes

associados com dominância e ausência de dominância, que determina a coloração de olhos escuros e claros. Essa explicação simplista, porém, não mostra como surge toda a variedade de cores presentes nos olhos e não esclarece porque pais de olhos castanhos podem ter filhos com olhos castanhos, azuis, verdes, ou de qualquer outra tonalidade. A cor dos olhos é uma característica de herança poligênica, um tipo de variação contínua em que os alelos de vários genes influenciam na coloração final dos olhos. Isso ocorre por meio da produção de proteínas que dirigem a proporção de melanina depositada na íris. Outros genes produzem manchas, raios, anéis e padrões de difusão dos pigmentos.

Após reproduzir o vídeo Olhos Azuis, conforme o encaminhamento descrito na unidade II pretende-se a partir desse impasse contextualizar inserindo o conteúdo de genética, Herança Quantitativa.

UNIDADE II

Atividade

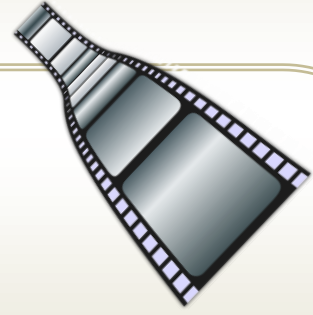


Filmografia



“Blue Eyed” (português: Olhos Azuis).

Professor: Esse documentário relata a experiência da Sra. Jane Elliott, professora e psicóloga branca nos EUA, que se dedica a organizar workshops com pessoas de diferentes grupos étnico raciais para discutir racismo e seus desdobramentos. Jane Elliott é uma professora conhecida nos Estados Unidos pelo tele documentário “Eye Of The Storm” (No Olho do Furacão) de 1970, produzido pela rede de TV ABC sobre um exercício aplicado em sala de aula em que buscava colocar as crianças para sentir a realidade de serem vítimas do preconceito. Décadas depois, em 1996, ela repete o exercício com adultos, gerando o premiado filme “Olhos Azuis”.



Gênero: Documentário

Duração: 1:33:11

País de Origem: Estados Unidos da América

Lançamento: 1996

FICHA TÉCNICA

Diretor: Bertram Verhaag

Roteirista: Bertram Verhaag

Trilha: Frank Loef, Wolfgang Neumam

Ator: Martin Luther King

Atriz: Jane Elliot

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=wigPUZpDz-U> Acesso em 07/07/2014

Fonte da imagem: <http://filmow.com/de-olhos-azuis-t19644/Acesso em 07/07/2014>

Objetivo Geral: Compreender o racismo e o fenômeno social do preconceito.

Objetivos específicos:

- ✓ Entender o racismo colocando-se no lugar do “outro”.
- ✓ Analisar que as relações de poder determinam as ideologias do momento.
- ✓ Verificar que as características fenotípicas herdadas geneticamente não podem ser usadas como critério para classificar as pessoas em grupos superiores ou inferiores.

Resenha:

No documentário “Blue Eyed” (Português: “Olhos Azuis”), Jane Elliott afirma que teve a ideia de realizar o laboratório que originou o documentário, ao ser questionada por seus alunos da terceira série, sobre os motivos que levaram ao assassinato do líder negro Martin Luther King, em 1968, no EUA. Diante da curiosidade das crianças, ela percebeu que não havia recursos didáticos que pudessem auxiliar esclarecer sobre o racismo. Porém relata que havia lido sobre o os Nazistas durante o Holocausto e que Hitler pretendia formar uma nação de arianos, pessoas de olhos azuis, loiras e de pele branca, que dominariam o mundo. Em seus experimentos as pessoas eram selecionadas para entrar nas câmeras de gás, com base em uma característica física, a cor dos olhos.

Ela constatou a veracidade dos fatos ao ler os livros “Mengele” e “The Nazi Doctors”. Relata que no livro “Mengele” é descrito como Hitler realizava os experimentos para mudar a cor dos olhos das pessoas de castanho para azul. Destaca-se que os procedimentos eram sem anestesia e com pessoas de todas as idades. O livro “The Doctors” narra à forma como pessoas inteligentes e educadas, facilmente foram convencidas a cooperar.

Então propôs uma dinâmica de grupo, explicou que durante um dia as crianças de olhos azuis seriam discriminadas, sendo rejeitadas pelos outros devido à cor dos seus olhos, um atributo merecedor de desprezo. Negociou as regras previamente com os alunos, que aceitaram a proposta.

Percebe-se que a escolha da cor dos olhos que é uma característica fenotípica, assim como a cor da pele, o tipo de cabelo, o formato dos lábios, entre outras características que remetem à herança africana e é vista pelos racistas como marca de inferioridade, foi à forma encontrada para demonstrar o drama que os negros sofrem, devido a fatores raciais, históricos, culturais e sociais.

As crianças foram fotografadas antes e após a experiência. Durante esse dia as atitudes das crianças de olhos castanhos foram de rejeitar as crianças de olhos azuis, não conversando, não bebendo água no mesmo bebedouro, não as chamando para brincar, não conversando e nem interagindo com elas.

Ao término da aula a professora reuniu o grupo para discutir sobre o que havia acontecido, as crianças puderam falar sobre o que sentiram. As crianças de olhos azuis relatam que os sentimentos geraram sensações de: raiva, tristeza, ressentimento, inferioridade, impotência, incapacidade e vontade de vingança. Os alunos de olhos castanhos rapidamente adotaram atitudes que denotam sentimentos de desprezos e a sensação de superioridade em relação aos demais.

A professora questionou se o comportamento adotado pelos alunos que não tinham olhos azuis fazia sentido? A resposta unânime foi negativa. Concluíram com a experiência que não se deve julgar ou maltratar as pessoas devido a terem nascido com cores de olhos diferentes. Que a cor dos olhos não interfere na personalidade, no caráter e na capacidade das pessoas. Portanto não deveria ser critério de determinados grupos humanos serem tratados de maneira desigual em detrimento de outros.

Partindo dessa metodologia a professora pôde relacionar a dinâmica com a questão racial. Introduziu e explicou temas como: o sistema escravista, o racismo, a situação vivenciada pelos negros norte-americanos. Chegando a Martin Luther King e o seu legado na luta pelos direitos civis, pela superação do racismo, refletindo sobre o quanto os ativistas negros

incomodavam a ordem racista que imperava na sociedade norte-americana, conseguindo justificar o porquê do seu assassinato.

Referências: <http://www.janeelliott.com/> Acesso em 08/07/2014

<http://www.janeelliott.com/workshop.htm> Acesso em 08/07/2014

MUNANGA, Kabengele (organizador) et al. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, Edições: MEC/BID/UNESCO. Artigo: Educação e Relações Raciais: Refletindo sobre Algumas Estratégias de Atuação, p.143, Nilma Lino Gomes.

Encaminhamento metodológico: Como esse filme é longo e legendado pretende-se fazer um mixer do mesmo para reproduzir aos alunos. O mesmo pode ser utilizado para a formação de professores.

Exercícios:

Veja a forma que apresentamos a questão da cor dos olhos em genética:

Suponhamos que a cor dos olhos seja estabelecida por pares de genes, onde C seja dominante para olho escuro e c recessivo para olho claro. Um homem que possua os olhos escuros, mas com mãe de olhos claros, casou-se com uma mulher de olhos claros cujo pai possui olhos escuros. Determine a probabilidade de nascer uma menina de olhos claros.

Resolução: Os pares de genes do homem são: C (dominante) e c (recessivo), pois ele possui olhos escuros. Os pares de genes da mãe são: c (recessivo) e c (recessivo), pois ela possui olhos claros.

A probabilidade de nascer de olhos claros é de 2 em 4 ou 50%

A probabilidade de nascer menina é de 1 em 2 ou 50%

A possibilidade de nascer menina de olhos claros é $1/2 \cdot 1/2 = 1/4 = 25\%$

	C	c
c	Cc	cc
c	Cc	cc

Referência: <http://exercicios.brasilecola.com/exercicios-matematica/exercicios-sobre-probabilidade-genetica.htm> Acesso em 24/10/14

A Herança Poligênica ocorre quando vários pares de genes interagem para determinar uma característica, cada um com efeito aditivo sobre o outro. Graças a esse tipo de interação existe uma variedade muito grande de fenótipos e genótipos para algumas características. A interação desses fenótipos com o meio ambiente aumenta ainda mais essa variação, como é o caso da cor da pele e altura das pessoas. Quando falamos de herança quantitativa ou poligênica, o número de fenótipos será sempre o número de genes + 1, por exemplo: Se uma

característica é determinada pelos genes A/a, B/b, que possuem efeitos aditivos sobre os outros, teremos 5 fenótipos. Em humanos podemos exemplificar a classificação da cor da pele da seguinte forma:

Genótipo	Quantidade de alelos dominantes	Fenótipo
AABBCC	6	Negro
↓	5	↓
↓	4	↓
↓	3	Intermediário
↓	2	↓
↓	1	↓
aabbcc	0	Branco

Quanto mais genes interagindo, maior a quantidade de combinações.

referências:

Amabis, José Mariano. Biologia. Volume 3. Editora Moderna.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em 22/07/14

Vídeo para aula complementar: Uma aula pratica de discriminação altura

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bpXMz_hSEUI Acesso em 11/10/2014

Videoteca:

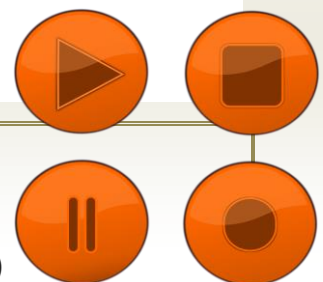
Relações Étnico-Raciais - Profº. Dr. Kabengele Munangahttps (tempo 49:48 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7FxFJOLf6HCA> Acesso em 09/10/2014.

CNN - Teste das bonecas e as relações raciais

Encaminhamento: Mostre a crianças mais esperta. Porque essa é a mais esperta?

Mostre a criança ruim. Porque essa é a criança ruim?



Mostre a criança boa. Porque essa é a criança boa?

Mostre a criança malvada. Porque essa é a criança malvada?

Mostre a criança feia. Porque essa é a criança feia?

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CkcpROCi0A>

1947 psicólogo americano Kennedy Clark fez um teste em que uma boneca branca e outra boneca negra são mostradas para crianças e a seguir são feitas algumas perguntas, para saber qual atitude delas em relação as “raças”.

#233 CQC Ciência faz teste psicológico sobre racismo crianças 05/ 08 /2013 mircmirc. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=29kzSogJESUA> Acesso em 11/10/2014.

Teste sobre preconceito boneca negra/branca. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NDhHJpik7As&index=7&list=RDFjGJplxTKug>

Acesso em 11/10/2014.

A Construção da Igualdade (parte 1 - tempo 9:56 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yBcajWhOis8> Acesso em 11/10/2014.

A Construção da Igualdade (parte 2 – tempo 10:02 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F5XaRwBjj48> Acesso em 11/10/2014.

O Negro no Brasil Documentário (tempo 51:42 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zJAJ-wGtoko> Acesso em 11/10/2014.

Escravidão e Tráfico de Escravos (tempo 4:24 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VfkJJ7BnJHg> Acesso em 11/10/2014.

Escravidão no Brasil – Negros (tempo 7:40 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QXiXFsPpf-o> Acesso em 11/10/2014.

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL EM FOTOS REAIS INÉDITAS (tempo 9:56 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jRZR4H8674> Acesso em 11/10/2014.

In Memoriam - Negros que fizeram a história do Brasil (tempo 5:55 min.)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LvZBCs7vcBI> Acesso em 11/10/2014.

Personalidades negras (tempo 4:32 min.)

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_gnymnZPagI Acesso em 11/10/2014.

Minidocumentário Zumbi dos Palmares(tempo 7:44)

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-MLI-nPk_gE Acesso em 11/10/2014.

História do Brasil: Zumbi dos Palmares – Edição e narração Professor Cesar Mota (tempo 14:56) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1h-9nNOHZ1c> Acesso em 12/10/2014.

Por uma História da África – Filme Quilombo (1984) – (tempo 1:59:57). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PoiyTS6opVc> Acesso em 12/10/2014



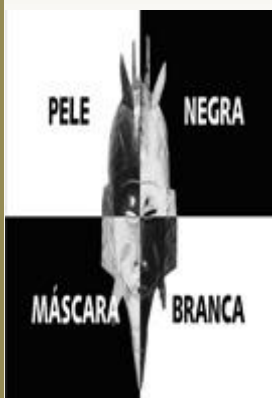
A NEGAÇÃO do Brasil. Direção de Joel Zito Araújo. Rio de Janeiro: Casa de Criação, 2000. Vídeo – DVD (91 min).

Ficha técnica: Categoria: documentário. Duração: 91 minutos. Ano de produção: Dez/2000. Cor & P&B. Bitolo: 35 mm. Direção e roteiro: Joel Zito Araújo. Fotografia: Adrian Cooper e Cleumo Segond. Produtores: Luis Antonio Pillar, Juca Cardoso e Vandy Almeida. Produção executiva: Joel Zito Araújo. Montagem: Joel Zito Araújo e Adrian Cooper. Som: Toninho Murici. Empresa: Casa de Criação. Disponível em: <http://vimeo.com/95471812> Acesso em 21/11/2014.

Sinopse: *Profundo estudo da história do negro nas telenovelas, demonstrando uma verdadeira negação do Brasil por próprios brasileiros.* Um documentário sobre tabus, preconceitos e estereótipos raciais. Uma história das lutas dos atores negros pelo reconhecimento de sua importância na história da telenovela - o produto de maior audiência no horário nobre da TV brasileira. O diretor, baseado em suas memórias, e em fortes evidências de pesquisas, analisa as influências das telenovelas nos processos de identidade étnica dos afro-brasileiros.

Prêmios obtidos: Roteiros premiado pelo concurso Nacional de Projetos de Documentários do Ministério da Cultura – 1999. Prêmios de Melhor Documentário, Melhor Pesquisa e Premio Quanta da Competição Brasileira do... TUDO VERDADE

6º Festival Internacional de Documentários – 2001. SP-Rj. Troféu especial "Gilberto Freire de Cinema" e Troféu de "Melhor Roteiro de Documentário" do 5º Festival de Cinema do Recife - 2001. Selecionado para os festivais internacionais: Festival Internacional do Documentário e Novos Media do Porto – Odisséia nas Imagens – Porto, Portugal. 27/10 a 03 de novembro de 2001. African Diaspora Film Festival de Nova York, dez/2001. Festival Internacional de Cinema RIO BR 2001 Premiere Brasil – 27/09 a 08/10/2001. Rio de Janeiro RJ. I Muestra de Cine e Vídeo Documental de Madrid, 2001. The 10 th Annual Pan African Film Festival – Los Angeles, CA USA> Fev/2002. 5th Annual Internacional Festival of New Cinema of the Americas. Austin, Texas. Abril/2002. Festival Internacional de Biarritz – Le Prix Union Latine du Film Documentaire – outubro/2002. Habana Film Festival / Festiva Internacional del Nuevo Cine Latinoamericano- 2001. Mostra Brazil on Film – Novo Cinema Novo. Londres. 19/out/2002. Organizadores: ICA – Institute of Contemporary Arts and Brazilian Ministry of Foreign Relations – Brazilian Embassy in London. FESPACO – panAfrican Film Festival 2003. Burkina Fasso. 3 Continents Human Rights Festival (2003) - Johannesburg -South África.



Ficha técnica :

Nome: Conrado Krainer (diretor e produtor)

E-mail: gwar101185@uol.com.br

Duração: 18 min 21 seg

Ano de produção: 2006-Junho

Gênero: Documentário

Formato: VÍDEO DV-CAM

Sinopse: *Pele Negra Máscara Branca* é um documentário que aborda a ideologia do branqueamento sob duas esferas - a acadêmica e a concreta. A esfera acadêmica é representada pelo professor livre-docente em Sociologia Kabengele Munanga e pelo cineasta Jeferson De, para a esfera concreta foram realizadas entrevistas na favela de Heliópolis. O ideal do branqueamento é apresentado através de duas perspectivas que oferecem ao espectador um amplo panorama deste fenômeno social e psicológico que atinge a sociedade brasileira. Os conceitos herméticos das ciências sociais são esclarecidos com uma ousada proposta de edição que objetiva traduzir audiovisualmente estes temas para o público leigo.

Disponível em: <http://vimeo.com/25032163>. Acesso em 20/11/2014

<http://cafeuerj.brinkster.net/filme.html>

<http://vimeo.com/25032163>



Besouro (2009) – (tempo 1:33:35) <https://www.youtube.com/watch?v=ZgUqZAGL3I0> Acesso em 13/10/2014

Filme Completo – 12 Anos de Escravidão – Dublado 2014 (tempo 2:07:34)

<https://www.youtube.com/watch?v=gQ22CR8Ysm0&spfreload=10> Acesso em 09/10/2014.

Biblioteca



	<h3>Descrição</h3> <p>Coletânea de ensaios, crônicas científicas que detalha assuntos variados como: à filosofia, a genética, a arte e a música, que vem nos auxiliar a desvendar alguns mistérios da vida.</p> <p><i>À flor da pele</i> traz reflexões do autor sobre temas da ciência, mostrando seus vínculos com filosofia, literatura, música e ciências sociais. "Estes ensaios me deram a oportunidade de expressar o meu encanto com a genética e seu nexos com as artes e as humanidades", diz Pena.</p> <p>Fonte da imagem: https://www.ufmg.br/online/arquivos/005597.shtml</p>
	<h3>Descrição</h3> <p>"Humanidades Sem Raças?", da coleção "Série 21", trata da questão racial por meio de um recorte biológico. Aborda temas como a diversidade humana, a evolução do conceito de raça através dos tempos, entre outros. Apresenta ainda um glossário, com os termos mais relevantes da área. Para o autor não existem "raças" humanas, sendo "raças" um produto da nossa imaginação cultural, um conceito empregado não só para estudar populações, mas também para criar esquemas classificatórios que parecem justificar a dominação de alguns grupos por outros.</p> <p>Fonte da imagem: http://cienciahoje.uol.com.br/resenhas/libelo-contra-o-racismo</p>

	<p>Descrição</p> <p>A NEGAÇÃO DO BRASIL Joel Zito Araújo Editora Senac / Ano: 2000 PRECONCEITO NA TV A Negação do Brasil Joel Zito Araújo narra, com impressionante precisão, a trajetória do negro na teledramaturgia brasileira. Fonte imagem: http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/estante/estante_263227.shtm</p>
	<p>Descrição</p> <p>EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS – PENSANDO REFERENCIAIS PARA A ORGANIZAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA - ROSA MARGARIDA DE CARVALHO ROCHA.</p> <p>Disponibiliza neste volume, alternativas teórico-práticas de caráter didático-pedagógico, voltadas para a consolidação de uma cultura escolar cotidiana de reconhecimento e respeito às diversidades, às peculiaridades e ao repertório cultural do povo negro, sem hierarquiza-los. Esse editorial responde a uma das principais indagações do educador brasileiro hoje: como efetivar, no cotidiano escolar, a implementação da Lei Federal 10.639/03? E a autora o faz com um notável diferencial: a adoção do princípio da cosmovisão africana, como subsídio transdisciplinar para a prática pedagógica brasileira.</p>

REFERÊNCIAS

AQUINO, G. Júlio (Organizador) et al. Diferenças e Preconceito na Escola, Alternativas Teóricas e Práticas. 6ª edição, São Paulo: Editora Summus, 1998.

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, D.F. Outubro 2004.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença.** Petrópolis: Vozes, 2000.

http://www.cfnp.com.br/2011/material_de_apoio/BIO/3/Heran%C3%A7a%20quantitativa.pdf

JÚNIOR, S. Hédio, BENTO, A. da S. Maria, SILVA, R. Rogério (organizadores) et al. Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades – CEERT. 1ª Edição, São Paulo.

LADOWSKY, Eric. **Presenças do Outro**. Ensaios de sociosemiótica. Tradução: Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LEITE, Correia Silas. **Vista a Minha Pele**. Disponível em:
<http://poetasilas.blogspot.com/2008/10/vista-minha-pele-poema.html>

LOPES, Nei. História e Cultura Africana e Afro-brasileira. São Paulo: Barsa Planeta, 2008.
Ministério da Educação, Secretaria da educação continuada, Alfabetização e Diversidade.
Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (MEC/SECAD). Orientações e Ações para a educação das Relações Étnico-Raciais Brasília: SECAD, 2006.

MUNANGA, Kabengele (organizador) et al. **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, Edições: MEC/BID/UNESCO.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB (Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira). UFF, Rio de Janeiro, n.5, p.15-34, 2004.

PENA, D. J. Sérgio, Birchal S. Telma. Artigo: A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social? Revista USP, São Paulo, nº 68, p.10-21, dezembro/fevereiro 2005/2006.

SANSONE, Osmundo Araújo Pinho (organizadores) et al. Raça: novas perspectivas antropológicas, 2ª ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: EDUFBA, 2008.447p.